

EDUCAR PARA A DIVERSIDADE: DESMITIFICANDO ESTEREÓTIPOS

Lílian Santos de Godoy Prado*

Ana Claudia Fernandes Gomes**

RESUMO: A inclusão da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, estabelecida pela Lei 10.639/2003, possibilita a desmitificação do estereótipo negro a partir do estudo do processo transculturativo que ocorreu em nosso país, assim como, o estudo de artistas negros que se destacaram em alguma área de interesse social ou cultural. Porém, a inclusão da Lei tem encontrado diversas barreiras para que consiga ser de fato efetuada, uma vez que, há escassez de material didático sobre a produção dos artistas negros brasileiros, assim como, dos negros antes de virem forçados para o Brasil. E os educadores encontram-se despreparados para lidar com assunto tão delicado e discriminado. Portanto, o objetivo deste estudo é analisar a biografia de dois negros brasileiros: Estevão Roberto da Silva e Heitor dos Prazeres. Ambos foram escolhidos por serem negros e terem conseguido se destacar em uma época tão difícil que foi a Abolição da Escravatura. A partir deste estudo, foi percebida a importância de negros de que se destacaram em alguma área cultural ou social para resgatar a identidade do brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/2003; Processo Transculturativo; Estereótipo Negro.

EDUCATING FOR A DIVERSITY MILIEU: DEMYSTIFYING STEREOTYPES

ABSTRACT: The inclusion of Afro-Brazilian and African culture in the school curriculum by Act 10,639/2003 favors the demystification of the Negro stereotype as from the transcultural process which occurred in Brazil and an analysis of Negro artists who became prominent in certain areas of social and cultural interest. The above-mentioned law has not become really effective since there is a dearth of didactic material on the production of Brazilian Negro artists and on Negroes in the pre-slavery period. Educators feel themselves unprepared to deal with such a delicate and discriminated subject matter. Current analysis analyzes the biography of two Negro Brazilians, namely Estevão Roberto da Silva and Heitor dos Prazeres. They were specifically chosen because they were Afro-descendants and highly prominent in the difficult Abolition period. The importance of Negroes prominent in certain cultural or social environments has been perceived so that Brazilian identity could be recovered.

KEYWORDS: Act 10.639/2003; Transcultural Process; Negro Stereotype.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como base a Lei 10.639/2003 que pretende corrigir as desigualdades sofridas pelos negros e afro-descendentes, assim como, desfazer o estereótipo de inferioridade que fora criado em tempos remotos.

O europeu iniciou, no século XVI, junto com a colonização do Brasil, a transfiguração da imagem do negro, influenciando nosso imaginário a partir da inferiorização da raça negra. No entanto, não podemos deixar de lembrar que o negro participou intensamente da formação da sociedade brasileira, ora com mão-de-obra escrava, ora com sua cultura. E também, foi o negro que trouxe consigo diversos ritos e costumes que se fundiram aos nossos.

Estudar e divulgar a cultura afro-brasileira e africana é de suma importância, já que sua contribuição fora marcante para o Brasil. E a Lei 10.639/2003 estabelece justamente essa causa, tornando obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas disciplinas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira na Educação Básica.

* Graduanda do curso de Educação Artística da Universidade Guarulhos – UNG; Bolsista PIBIC da Universidade Guarulhos – UNG. E-mail: li_caravaggio@hotmail.com

** Docente Mestre em Sociologia da Universidade Guarulhos – UNG. E-mail: acfernandes@bol.com.br

Mas, para que essa Lei criada em 2003 seja de fato efetuada, precisa enfrentar alguns obstáculos, como: educadores mal preparados e livros didáticos que trazem o negro somente no momento da escravidão, reforçando a ideia que fora implantada em nossos imaginários. E assim como os livros, a TV tem reforçado essa imagem negativa ao idealizar o homem branco.

O Brasil é um país pluricultural e multi-étnico, devendo assim ensinar aos seus educandos o valor da cultura afro-descendente, a fim de extinguir a negação de identidade e sua ascendência africana. E, para tanto, estudar negros como os artistas brasileiros: Estevão Roberto da Silva, que fôra aluno da Academia Imperial de Belas-Artes e chegou a recusar um prêmio em uma de suas exposições, e Heitor dos Prazeres, que pintava nosso país numa alegria simbólica.

2 PROCESSO TRANSCULTURATIVO

Desde o navio negreiro, os muitos negros trazidos para nosso país eram misturados, a fim de separar etnias, línguas e culturas para dificultar a comunicação entre eles e assim evitar futuras rebeliões (DIÉGUES JUNIOR, 1980). Essa grande mistura que houve no navio negreiro criou novos laços de socialização e de comunicação. As diversas etnias, línguas e culturas foram miscigenadas no longo e trágico caminho, marcado por doenças e mortes. Era um caminho sem volta, no qual, muitos morreram de banzo. Essa desumanização foi intensificada no século XVI com o início da colonização do nosso país feita pelos europeus.

Os negros foram arrancados da sua terra natal, do seu lar e da sua família. Chegando ao Brasil o que lhes esperava era um trabalho árduo e castigos aos desobedientes. Os castigos muitas vezes os levavam a morte. E tinham como objetivo, não corrigir o autor da desobediência, mas sim, amedrontar os outros negros para que não acontecessem novos casos. E, para que a maldade fosse ainda maior, o feitor escolhia um negro para aplicar o castigo, que se fosse amenizado, ele também o receberia.

A casa-grande, que ostentava luxo aos seus senhores e trabalho aos escravos, abrigava um misto de culturas e raças, local em que se misturavam o branco e o negro. Porém, mesmo havendo esse misto de culturas e raças, é nítida a diferença entre o branco e o negro. Era o branco que mandava, era o branco que castigava, cabendo então ao negro acatar as ordens e receber os castigos.

O desenvolvimento da população para as relações sociais

se deve a grande quantidade de negros que chegaram ao Brasil nos séculos XVI, XVII, XVIII e a primeira metade do século XIX. Foi também por essa influência que houve a organização econômica, com a escravidão, a monocultura e o latifúndio (SALZANO; FREIRE-MAIA, 1967).

A sociedade brasileira foi formada a partir de muita luta. Os negros tentaram resistir, e com sua luta disfarçada de dança – a capoeira – enfrentavam os feitores. E mesmo depois da Abolição da Escravatura, continuaram sofrendo injustiças, pois eram considerados ociosos sendo perseguidos pela polícia. Foi então nessa época que se iniciou a formação das favelas. Uma vez que os negros não tinham para onde ir e não conseguiam colocação profissional.

Após a Proclamação da República foram recolhidos e queimados os documentos relacionados à escravidão. Devido a esse fato, poucos dados foram encontrados referentes à migração que houve em nosso país. Tornando motivo de controvérsia a quantidade de negros que vieram escravizados e a imprecisão das contribuições dos vários povos africanos que se miscigenaram (SALZANO; FREIRE-MAIA, 1967).

A diferença entre o branco e o negro ainda se faz presente no nosso dia-a-dia. Por termos um pensamento europeizado, possuímos a ideia de que o homem negro é inferior ao homem branco, fazendo com que a desigualdade social se faça nítida.

3 ESTEREÓTIPO NEGRO

A vinda dos negros ao Brasil proporcionou a formação de uma civilização sincrética e original que incorpora a todos: mestiços, negros e brancos. No entanto, os europeus, ao trazerem os africanos para o Brasil, criaram uma imagem inferiorizada do negro. Tratando-os como mercadoria, como se não tivessem deixado para trás família e uma vida digna. E é essa imagem do negro que fora forjada pelo europeu torna nossa civilização desigualmente social.

O imaginário, pensamento simbólico (DURAND, 2004), foi influenciado pelo europeu que transformou e interpretou a imagem da África e do negro, a partir da sua visão. A cor da pele do negro causava inquietação nos europeus. Era questão de dúvida e investigação. Segundo Santos (2002), essa cor de pele era vista como uma marca do mal e da depravação humana.

O negro, ainda hoje, é visto como inferior. Há uma negação da multiracialidade e multiculturalidade na sociedade brasileira que persiste em idealizar a superioridade do branco. Sendo a imagem desse último idealizada e desejada. A mudança desse

referencial é imprescindível para a valorização e o respeito da cultura negra e afro-brasileira, assim como, recuperar a identidade dessas pessoas que se sentem intimidadas pelo preconceito racial sofrido.

Personagens históricos negros são vistos como uma criatura lendária, como se não fossem figuras verdadeiras que marcaram na construção da nossa sociedade um lugar definitivo. No entanto, não podemos esquecer que tanta barbárie contra a raça humana, mais especificamente contra a raça negra, deixou chagas ainda não fechadas, criando um mundo utópico, em que a integração à sociedade requer a ultrapassagem de diversos obstáculos. Devemos deixar de olhar para o outro lado do Atlântico e começar a valorizar a cultura afro-brasileira e brasileira (ARAUJO, 2004), lembrando que a miscigenação foi extremamente importante na nossa formação. Infelizmente a sociedade brasileira tem atitudes de indiferença aos danos causados nos negros.

Programas de TV reforçam o estigma do negro transmitindo artistas negros que representam pessoas simples: empregada doméstica ou motorista. Os negros são mostrados como subalternos, como pessoas que nunca têm ascensão. Em geral, programas de TV apresentam um baixo perfil de reflexão sobre o pluralismo cultural brasileiro.

A mídia, com sua grande capacidade de emitir informações, reforça preconceitos, nos mostrando conceitos que não questionamos, apenas assimilamos, alimentando uma percepção falsa e reforçando visões preconceituosas. Recusar o que nos é estabelecido sem concordarmos é uma forma de romper essa situação (PEREIRA, 2005). Ao assistirmos programas de TV vemos a imagem que mais é desejada nas metrópoles e pouco vista na sociedade, já que nosso país tem uma grande porcentagem de pessoas que são afro-descendentes. Apresentadoras de programas infantis, como Xuxa e Eliana, personagens brancas, reforçam a ideologia de branqueamento (RIGHETTI, 2003). É preciso refletir sobre essa disparidade entre a TV e a vida real, inclusive suas conseqüências no processo de autoestima (ARAUJO, 2007).

Imagens que reforçam a ideia de inferioridade do negro desestimulam negros e afro-descendentes. Portanto, transcender essa imagem, a fim de modificar nosso imaginário, é uma luta que deve ser adotada por todos: sociedade, pais e educadores.

A construção de uma imagem digna do negro na TV é de suma importância para a transformação do estereótipo que o inferioriza. A produção de imagens opostas as que normalmente assistimos valorizará o afro-descendente e quebrará pré-conceitos. A mudança de conceito estético excludente se dará a

partir da mudança do referencial de que o branco é o único ideal de beleza.

4 EDUCANDO PARA A PLURALIDADE CULTURAL

Ações afirmativas têm o objetivo de reparar e valorizar a identidade de um povo. E foi com esse objetivo que foi criada a Lei 10.639/2003 que estabelece o ensino da cultura afro-brasileira e africana, possibilitando que os educandos conheçam o processo transculturativo que ocorreu em nosso país, assim como, a miscigenação que influenciou a sociedade brasileira, seja na etnia, na cultura ou na religião. Esse conhecimento proporcionará o respeito e a valorização da nossa diversidade.

A escola, tanto quanto o educador, têm encontrado obstáculos que estão dificultando a inclusão da Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar. A dificuldade encontra-se na falta de orientação para tratar de um assunto cercado de pré-conceitos que inferiorizam o negro e na escassez de material didático para ser utilizado em sala de aula. O imaginário coletivo desfavorecendo os negros, que fora implantado pelos europeus, deve ser transformado tanto nas escolas e nos educadores, quanto entre as famílias de seus educandos.

O educador deve estar comprometido, envolvido e disposto para aplicar a Lei 10.639/2003, assim como, ter um constante ato cognitivo sobre os assuntos pertinentes. Esse ato cognitivo proporcionará um melhor trabalho sobre a cultura afro-brasileira e africana que é um assunto tão discriminado. No entanto, a formação adequada é essencial para que os educadores façam um bom trabalho. É essencial que o educador tenha uma formação adequada para trabalhar com assunto tão delicado e discriminado.

Segundo o Parâmetro Curricular Nacional (BRASIL, 1997), a escola tem como objetivo tornar o educando um cidadão consciente e um ser pensante, capaz de entender e analisar situações, a fim de tomar suas próprias decisões e conclusões sobre um devido assunto sem se deixar influenciar por outras pessoas, sendo consciente de que é possível transformar o que for necessário para construir uma sociedade democrática e justa, diminuindo a hierarquia e a desigualdade social.

Instigar o educando a conhecer a história do seu país, as diversas culturas que se fundiram à nossa, cabe ao educador que deve estimulá-lo a tornar-se um ser pensante e crítico, e a ser um cidadão participativo de um país multicultural e pluriétnico. Educar para a diversidade transformará o imaginário da nossa sociedade, corrigindo distorções e equívocos.

A representação estereotipada do negro em livros didáticos reforçam o imaginário coletivo que foi posteriormente influenciado pelo europeu que inferiorizou a imagem do negro. Outro problema observado em livros didáticos refere-se à falta da História da África antes e após a colonização, sendo os negros citados somente no período da escravidão.

O material didático-pedagógico utilizado nas escolas, sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira e Africana é ineficiente, pois prioriza somente a história dos negros que foram arrancados brutalmente de suas terras e do convívio familiar, assim como o trabalho forçado a que eram submetidos. Não incluir estudos sobre os negros que vieram para o Brasil forma uma visão equivocada e reforça a política de desigualdade de classes.

Os livros didáticos utilizados em sala de aula, normalmente trazem a imagem do negro como escravo, fazendo com que educandos afro-descendentes se desestimulem. Os artistas africanos e afro-descendentes que se destacaram, assim como a vasta produção cultural que se fundiu a nossa, são esquecidos, abandonados à margem da sociedade. E em geral, os livros de História da Arte privilegiam a Arte européia, ou seja, pouco encontramos sobre a Arte brasileira, e menos ainda sobre a Arte africana e afro-descendente (ROSA, 2007). O livro didático deveria ser mais multicultural e multirracial, incluindo um ambiente racialmente mais democrático, antes de priorizar o eurocentrismo.

A sociedade exclui os negros dos benefícios da vida social, e a partir disto cria uma ambigüidade, já que sua cultura é muito praticada na dança, na música, na festa, na comida e nos deuses do Candomblé. Então, por que insistir em registrar nos livros didáticos somente o cativo a que foram submetidos os negros se a sua cultura permanece bem viva entre nós? Por que não registrar sua vitória e sua capacidade de incorporar-se a cultura brasileira?

Incluir nos livros didáticos negros que se destacaram culturalmente ou socialmente pode colaborar para a transformação do estereótipo negro. Assim como, estimular pessoas negras a lutarem por uma vida digna e uma melhor condição de vida, sem se deixarem abater por termos pejorativos e preconceituosos.

A perda de identidade, ocorrida com a desvalorização da imagem do negro será resgatada com o estudo da riqueza dessa cultura que se fundiu a nossa. E fará com que o negro e o afro-descendente reconheçam sua história, sua cultura e sua identidade.

Estudar a África transformará a visão equivocada que temos e reforçará a política de desigualdade de classe. O diálogo pode resultar no crescimento de ambos e ajudá-los no desvelamen-

to do mundo (FREIRE, 2005), facilitando o reconhecimento de nossa identidade étnico-cultural e do processo transculturativo que houve em nosso país.

5 NEGROS BRASILEIROS

Ressaltar a importância dos negros para a construção econômica, cultural e social do nosso país, valorizará a história e cultura afro-brasileira, assim como estudar os negros que tiveram destaque em alguma área de interesse cultural ou social. Esse estudo proporcionará uma nova visão em relação ao negro e ao afro-descendente, possibilitando a desmitificação do paradigma do negro e a transformação dessa imagem que fora forjada pelo europeu.

Negros brasileiros, como os pintores Estevão Roberto da Silva (1844 - 1894) e Heitor dos Prazeres (1898 - 1966) merecem serem estudados a fim de reforçar a imagem do negro. Estevão Roberto da Silva foi aluno da Academia Imperial de Belas-Artes - escola criada pela Missão Artística Francesa com o objetivo de organizar o ensino de Artes no Brasil. O artista chegou a ser professor no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, cidade em que nasceu.

Segundo Leite (1988), na exposição anual de 1879 da Academia Imperial de Belas-Artes, Estevão aguardava o primeiro prêmio, mas, foi outro nome que ouvira. E então, quando chegou sua vez de receber o prêmio ele arrogantemente o recusou, na frente do Imperador D. Pedro II. Esse fato lhe custou a suspensão de um ano de seus estudos na Academia. Acredita-se que Estevão talvez não tenha recebido o primeiro prêmio por ser negro.

Estevão pintava principalmente frutas. Em uma de suas exposições, escondeu atrás do quadro frutas verdadeiras, que surpreendeu quem visitasse pelo cheiro.

Pouco a pouco, com pertinência e à medida em que se desenvolvia o seu talento, Estevão Silva superou tais dificuldades iniciais, para no termo da curta existência chegar a produzir um punhado de obras em que tudo se harmoniza - cor, desenho, textura, composição e expressão. A cor, densa e profunda, cava aqui, estertórica mais adiante, subordina-se à cor natural, mas é cheia de sentimento e de expressividade. Quanto ao desenho, forte e sintético, pauta-se pela fidelidade ao modelo, do mesmo modo como as

texturas reportam-se diretamente às peles lisas ou rugosas dos frutos tropicais. Pintor dos frutos brasileiros, nunca pintor de flores caras ou de objetos raros, ninguém mais do que Estevão soube captar, numa poucas laranjas ou limões, numa melancia, numa simples penca de bananas, toda a sua rústica poesia (LEITE, 1988, p. 80).

Heitor dos Prazeres, além de artista, foi sambista nascido no Rio de Janeiro dez anos após a Abolição da Escravatura, que impulsionou a formação das favelas e sua família teve que lutar contra a pobreza. Após a morte da esposa, Estevão começou a pintar para dissipar a tristeza. Em 1951, participou da Primeira Bienal de Arte Moderna, realizada em São Paulo. Nessa exposição recebeu o terceiro prêmio para artistas nacionais. O artista também participou das Bienais Paulistas de 1953 e 1961, e de exposições internacionais.

Prazeres foi um grande representante da Arte Naïf – Arte feita por autodidatas que utilizam técnicas rudimentares adquiridas de forma empírica. Utilizando-se de cores fortes e primárias representou em suas telas um país tropical e generoso. Seus temas retratam as mulatas, o samba, o morro, festas populares e cenas tipicamente cariocas. Em suas obras as pessoas aparecem com os rostos de perfil, como na Arte Egípcia, e na ponta dos pés, sugerindo dinamismo. Corpos contorcidos representando movimentos e instrumentos musicais dão vida as suas obras.

A principal característica pictórica de Heitor dos Prazeres é a capacidade de revelar minúcias e detalhes do universo do samba, realidade que ele retrata com extrema facilidade por conhecer muito bem. Três particularidades logo se destacam nos mais variados trabalhos do pintor: a importância que dá a figura humana, os rostos colocados de perfil, como ocorre na arte egípcia, e a forte sugestão de movimento (D'AMBROSIO, 2007).

O estudo e a análise de negros brasileiros que se destacaram em alguma área social proporcionarão ao afro-descendente e ao negro recuperarem sua identidade. Assim como, transformará a imagem do negro que fora desvalorizada desde tempos remotos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa sociedade é formada por um misto de culturas e raças que devem ser melhores abordadas no âmbito escolar a fim de valorizar essa miscigenação. A Lei 10.639/2003 ao estabelecer a obrigatoriedade da cultura afro-brasileira e africana contribuirá com a desmitificação do estereótipo negro e reforçará a valorização dessa cultura que tanto contribuiu para a formação da sociedade brasileira.

A inclusão da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar é um grande passo rumo à valorização dessa cultura que foi tão importante na formação da sociedade brasileira. No entanto, ultrapassar o obstáculo da escassez de material didático sobre o assunto depende também da formação dos educadores, assim como, seu envolvimento e comprometimento.

O educador, a sociedade e os pais, se integrados pela escola, poderão trabalhar por essa causa que resgatará a identidade do afro-descendente. Assim como, transformará a imagem do negro de inferiorização e o imaginário coletivo que fora influenciado pelo europeu, trazendo um sentimento de respeito e orgulho por esses que lutaram e construíram nosso país.

É de suma importância o estudo da cultura afro-brasileira e africana, uma vez que nosso país fora construído a partir da mão-de-obra escrava e o negro participara de toda a evolução da economia brasileira, desde a extração do pau-brasil, até as atividades agrícolas referentes ao algodão e ao café. Passando pela indústria açucareira e a mineração.

Estudar os negros que se destacaram em alguma área social ou cultural propiciará a desmitificação do estereótipo negro, e conseqüentemente, sua valorização.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Emanuel. Negras Memórias, o Imaginário Luso-Afro-Brasileiro e a Herança da Escravidão. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 242-250, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a21v1850.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2007.
- ARAUJO, Zulu (Coord.). **Onde Está o Negro na TV Pública?** Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=25&limit=5&limitstart=15&order=name&dir=DESC&Itemid=99999999>. Acesso em: 15 out. 2007.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial

- da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/humanas/educacao/pcns/fundamental/index.html>> Acesso em: 13 ago. 2007.
- D'AMBROSIO, Oscar. **Vida e Arte - Heitor dos Prazeres**. Disponível em: <www.artcanal.com.br/oscardambrosio/heitordosprazeres.htm>. Acesso em: 08 abr. 2007.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e Culturas no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1980.
- DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro, RJ: Difel, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2005.
- LEITE, José Roberto Teixeira. **Pintores Negros do Oitocentos**. São Paulo, SP: MWM, 1988.
- PEREIRA, Taís Assunção Curi. Os estereótipos nos meios de comunicação. In: SILVA, Rafael Souza (Org.) **Discursos simbólicos da mídia**. São Paulo, SP: Loyola, 2005. p. 73-88.
- RIGHETTI, Sabine. **Presença do negro na mídia é marcada pelo preconceito**. 10 nov. 2003. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/negros/08.shtml>> Acesso em: 06 set. 2007.
- ROSA, Maria Cristina. **Os Professores de Arte e a Inclusão: O Caso da Lei 10639/2003**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT21-2610--Int.pdf>> Acesso em: 15 ago. 2007.
- SALZANO, Francisco M.; FREIRE-MAIA, Newton. **Populações Brasileiras – Aspectos Demográficos, Genéticos e Antropológicos**. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1967.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. Selvagens, Exóticos, Demônios. Idéias e Imagens Sobre uma Gente de Cor Preta. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, n. 2, p. 275-289, 2002.

Recebido em: 30 Abril 2008

Aceito em: 15 Junho 2010